11:11 46%

O ex-deputado e conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro Domingos Brazão Divulgação - 1.abr.18/Alerj

Conselheiro suspeito no caso Marielle diz que já foi investigado

Domingos Brazão afirma estar tranquilo diante de citação de seu nome em delação de ex-PM Ronnie Lessa

Camila Zarur

RIO DE JANEIRO Conselheiro do TCE-RJ (Tribunal de Contas do Estado do Rio), Domingos Brazão diz estar tranquilo diante das citações de seu nome no caso do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes.

O ex-deputado, que tem uma longa trajetória na política do Rio de Janeiro, é um dos alvos do inquérito da Polícia Federal que investiga o mandante do crime.

Agora, Brazão aparece arrolado na nova etapa das investigações que surgem após a delação do ex-policial militar Ronnie Lessa, apontado como o assassino da vereadora e do motorista.

O acordo de colaboração ainda precisa ser homologado pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça), onde o caso tramita em sigilo.

O inquérito subiu para a instância federal em outubro passado, devido às suspeitas dos investigadores da participação do conselheiro no assassinato. Como integrante do TCE, Brazão tem direito a foro especial e, por isso, não pode ser investigado pela Justiça comum.

Brazão nega que tenha qualquer envolvimento com o crime e diz não ter nenhum conhecimento sobre a delação de Lessa. Ele pediu, por meio de seu advogado, acesso aos autos do processo, mas afirma que a solicitação foi negada.

O conselheiro diz já ter sido alvo das investigações ao longo dos quase seis anos desde que Marielle foi morta.

Marielle e Anderson foram assassinados a tiros em 14 de março de 2018, quando voltavam para casa e passavam pelo Estácio, bairro central do Rio. Brazão foi ouvido pela Polícia Civil semanas depois, em 18 de junho, sob suspeita de tentar atrapalhar o inquérito.

"Se tem alguém que já foi investigado nesse processo, chama-se Domingos Brazão", afirma a defesa.

"Depois da família da Marielle, posso te garantir que eu e a minha família somos os maiores interessados na elucidação desse caso".

Em entrevista à **Folha**, Brazão diz confiar fielmente nas investigações, mas afirma que apontar uma autoridade pública como responsável pelo crime é uma tentativa de atrair mais atenção do público. É, em suas palavras, algo para "sair da mesmice".

"Pode ser que, por parte até da imprensa, do Ministério Público e de alguns, fosse bacana encontrar uma autoridade [culpada]. Porque sai daquela mesmice dos PMs malucos. Com todo respeito à polícia do Rio de Janeiro, uma instituição bicentenária, mas infelizmente há inúmeros casos de membros da Polícia Militar que se envolvem nesses tipos de ocorrência", afirma.

"Porque se tem uma autoridade [envolvida], um conselheiro, de família de deputados, fica mais gostoso, fica uma repercussão maior. Mas, para tristeza de alguns, não conseguiram e não vão conseguir, porque não há esse tipo de envolvimento", diz Brazão, sem especificar quem seriam esses "alguns".

O político afirma que, se ele estiver mesmo citado na delação de Lessa, é porque o ex-policial estaria tentando proteger alguém.

O conteúdo da colaboração ainda não se tornou público, mas, segundo o site Intercept Brasil, Lessa teria apontado Brazão como um dos mandantes da morte da vereadora.

"[Se Ronnie tiver mencionado Brazão], vai abrir outra porta para a Polícia Federal que é descobrir quem eles querem proteger. Será que ele faria isso só para ter alguns benefícios ou ele quer proteger alguém?", questiona o conselheiro, que também afirma que tomará medidas cabíveis contra a publicação do site.

Brazão estipula ainda um outro cenário: o dos investigadores verem uma brecha, já que o caso está no STJ, para que o conselheiro seja investigado mais uma vez.

Ele dá como justificativa a desconfiança da PF nas forças investigativas do estado.

"Se a Polícia Federal se aproveitou disso [o caso ter subido ao STJ] para me investigar novamente, é uma outra coisa. Mas não tenho problema nenhum com isso. O fato é que a Polícia Federal claramente não confia na Polícia Civil no Rio de Janeiro e quis levar o caso para que eles pudessem estar legitimados a investigar", diz.

O ex-deputado chegou a ser investigado pela Polícia Civil e pela PF por suspeita de forjar um testemunha e atrapalhar o inquérito.

A PGR (Procuradoria-Geral da República) enviou uma denúncia ao STJ sobre a tentativa de obstrução, mas ela não foi aceita pelo tribunal, que argumentou não ter a competência adequada para julgá-la. Na época, o conselheiro estava afastado do TCE e tinha perdido sua prerrogativa de foro.

A denúncia foi, então, enviada à Justiça do Rio, que também a rejeitou, acolhendo um pedido do Ministério Público. A Promotoria considerou que o conselheiro não atuou para atrapalhar as investigações.

Brazão nega que tenha recebido qualquer tipo de ajuda no processo: "Eu não posso acreditar que todas essas autoridades e esses servidores tenham colocado em risco as suas carreiras, as suas funções, para me proteger".

"Eles me investigaram esse tempo todo e nunca me deram sequer acesso [aos autos]. A resposta era que eu não fazia parte do inquérito e, por isso, não eram obrigados a me franquear acesso", completa o conselheiro.

Além da delação de Lessa, há outro acordo de colaboração que ajudou a destravar as investigações: o do parceiro do ex-PM no crime, Élcio de Queiroz. Ele, que também é ex-policial, admitiu a participação no assassinato e passou colaborar com os investigadores no ano passado.

Na delação Queiroz, Brazão voltou a aparecer no caso. Ele é citado em uma troca de mensagem entre dois suspeitos de terem vazado à dupla de assassinos informações sobre a operação que prendeu os dois, em março de 2019.

"Recebi um informe agora que vai ter operação Marielle amanhã. Pelo que me falaram vão até prender Brazão e Rivaldo Barbosa", disse o filho de um delegado da PF em uma conversa interceptada pelos investigadores.

Além do conselheiro, ele cita o ex-chefe da Polícia do Rio, acusado de atrapalhar as investigações.

Brazão nega ter relação com demais suspeitos de envolvimento no crime. "Eu não conhecia a vereadora Marielle, muito menos o Anderson. Eu também não conhecia esses personagens, Lessa, Élcio de Queiroz. Graças a Deus, eu nunca os vi, nunca nos apresentaram, não sei quem é."

> Se tem uma autoridade [envolvida], um conselheiro, de família de deputados, fica mais gostoso, fica uma repercussão maior. Mas, para tristeza de alguns, não conseguiram e não vão conseguir, porque não há esse tipo de envolvimento
>
> **Domingos Brazão**
> conselheiro do TCE-RJ

> Eu não conhecia a vereadora Marielle, muito menos o Anderson. Eu também não conhecia esses personagens, Lessa, Élcio de Queiroz. Graças a Deus, eu nunca os vi, nunca nos apresentaram, não sei quem é
>
> **Idem**

Guerra entre traficantes e milicianos no Rio de Janeiro deixa 2 mortos

Bruna Fantti

RIO DE JANEIRO A madrugada desta quinta (25) na zona oeste do Rio de Janeiro foi marcada por tiroteios entre milicianos e traficantes que disputam o controle da região. Dois suspeitos morreram, um morador foi baleado, e uma van incendiada.

A PM reforçou o policiamento na região. A Polícia Civil realizou a prisão de um homem que foi indiciado pelo homicídio de um gerente de churrascaria, em outubro. Esse suspeito seria integrante do Comando Vermelho.

Segundo investigadores, desde que milicianos foram expulsos por integrantes do tráfico na zona oeste, em março de 2023, o clima é de tensão na região que engloba as comunidades da Gardênia Azul e Rio das Pedras –distante uma da outra cerca de cinco quilômetros.

Ainda de acordo com a polícia, há um ano a Gardênia Azul era controlada por milicianos ligados a Luis Antonio da Silva Braga, o Zinho. Mas, por disputas internas, os líderes da milícia local passaram para o tráfico.

A guerra marcaria também o aniversário de Edgar Alves, o Doca, apontado como um dos principais líderes do Comando Vermelho e que teria planos de expandir o tráfico até Rio das Pedras, berço da milícia no Rio.

Ainda de acordo com a polícia, milicianos de Rio das Pedras, por sua vez, realizaram uma aliança com a facção de drogas TCP (Terceiro Comando Puro). O tráfico conta com reforços da Rocinha, na zona sul, e dos complexos do Alemão e da Penha, na zona norte.

Na quarta (24), informações de inteligência apontam que milicianos de Rio das Pedras foram até a Gardênia e mataram a tiros dois homens suspeitos de integrarem o tráfico de drogas. Traficantes, então, revidaram e foram até a Gardênia, na madrugada, onde ocorreram novos tiroteios.

Neste revide do tráfico, um morador foi baleado e uma van incendiada. A polícia tem informação de que três envolvidos com o tráfico teriam sido mortos em Rio das Pedras, mas os corpos não foram localizados.

O morador baleado foi socorrido e está estável.

A Delegacia de Homicídios recebeu a informação de que um investigado estava participando da troca de tiros e enviou uma equipe ao local. Lá, localizaram um homem apontado como líder da Gardênia Azul. Ele foi preso.

De acordo com a investigação, ele teria participado, em outubro de 2023, do homicídio de Elson Ferreira de Almeida, gerente de uma churrascaria, que, segundo testemunhas, não teria se submetido a constrangimentos de traficantes.

A Polícia Civil informou que "o autor, juntamente com outros membros do Comando Vermelho, teriam expulsado supostos membros da milícia que operavam na região, passando então a constranger todos os moradores a mostrarem seus celulares, correspondências, conversas, mídias etc. Também evidenciou-se que o autor determinava toques de recolher na região, fechamento de comércio e outras medidas, sob emprego de violência armada e ameaças".

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Libertária e anárquica, ela deixa uma legião de órfãos

NICA BAND (1937-2024)

Sérgio Dávila

SÃO PAULO Coxa ou sobrecoxa? Nica Band morreu como viveu: preparando mais uma festa em sua casa para reunir familiares e amigos queridos, no que chamou de "Réveillon, Ainda que Tardio", que aconteceria no dia 3 de fevereiro próximo.

Em meio à discussão do cardápio –seria frango, mas qual parte do frango? –, na última terça (23), sofreu um choque cardiogênico fatal. Conforme sua saúde se debilitava, nos últimos anos, passou a aumentar a frequência e a lista de convidados das festas.

À sua filha, Elisa, falou que queria celebrar muito e mais porque sabia que seu "número na lista de chamada já estava baixo". "Tive uma boa vida, muitos amores, fiz tudo o que quis", confidenciou a ela, na preparação de um desses eventos.

Gregária, transformou suas casas em pontos de reunião e moradia para desgarrados em geral. Foi assim nos anos 70, em lendárias reuniões no apartamento no Louvre, centro de São Paulo, em que proscritos pela ditadura militar se uniam a ela e ao então marido, Sylvio Band, para ouvir o último disco de Chico ou Caetano e ler e discutir livros proibidos.

Continuou nas casas das ruas Monte Alegre e São Bartolomeu e nos apartamentos das ruas Piauí e Vitorino Carmilo. Ou nas épicas viagens à praia da Baleia, no litoral norte paulista, para onde levava a acampar no verão no terreno da família sobrinhos e agregados, um exército de pequenos brancaleones que se banhava na bica e destoava do luxo dos vizinhos.

Nesses endereços e viagens, em torno da cozinha, Nica formou gerações com seu estilo libertário, anárquico, iconoclasta e desbocado. Deu educação anticapacitista a seu filho, Sacha, antes que a palavra fosse inventada e o conceito, disseminado na causa das pessoas com deficiência.

Formada em química industrial na faculdade Osvaldo Cruz, foi fotógrafa, corretora, vendedora de joias, criadora de chinchila, produtora musical, fez artesanato, teve fábrica de pantufas e cozinha de congelados e vendeu xales que criava em tear manual.

Era fã de Freddie Mercury e leitora de romances policiais de Agatha Christie e Ellery Queen. Foi inspiração de uma peça que levava seu prenome, monólogo que rendeu à filha dramaturga o prêmio Nascente da Universidade de São Paulo (USP), em 2023.

Inseparável da irmã Lucy e da prima Vera, ao morrer, aos 86 anos, Nica realizou seu último feito: sendo mãe de dois filhos, deixa dezenas de órfãos. (E o "Réveillon, Ainda que Tardio" vai acontecer, agora como uma homenagem póstuma a ela.)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3600 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicosfunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 10h às 17h.

Avisos gratuitos na seção: folha.com/fnotes até as 18h para publicação no dia seguinte (9h de sexta para publicação aos dom.n.gra); ou pelo telefone (11) 3224-3345 das 10h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.